



Boletim do **Arquivo Histórico de Joinville**

Vol. XVII, nº 28
2º trimestre de 2024
ISSN 14133434

Sumário

Editorial _ **3**

Usos sociais do Arquivo Histórico de Joinville

Giane Maria de Souza

Arquivo Histórico - Algumas histórias _ **4**

O Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) e a 8ª Semana

Nacional de Arquivos

Dilney Fermino Cunha

Pesquisadores e o AHJ _ **5**

O primeiro casamento com registro civil em Joinville

Patrik Roger Pinheiro

Educação Patrimonial _ **9**

Memória do Boletim _ **16**

Teses e dissertações de pesquisadores do AHJ _ **17**

O “misterioso” álbum 3.1.8.36.7.: fotografia e história
no contexto da Segunda Guerra Mundial

Wilson de Oliveira Neto

Atendimentos no Arquivo Histórico de Joinville _ **19**

Difusão Cultural _ **23**

Por dentro do acervo _ **29**

Aconteceu em Joinville _ **31**

Expediente _ **32**

Editorial

Arquivos Acessíveis



Dra. Giane Maria de Souza [1]

A 8ª Semana Nacional de Arquivos foi promovida pelo Arquivo Nacional e Conselho Nacional de Arquivos (Conarq), entre os dias 6 a 9 de junho de 2024. É uma efeméride alusiva ao Dia Internacional de Arquivos, 9 de junho, e mobilizou os arquivos brasileiros para debaterem a temática “Arquivos Acessíveis”. A temática incentivou as instituições arquivísticas para refletirem a acessibilidade em sua ampla conceituação e diversidade social, política e cultural que o tema provoca. Portanto, refletir sobre os equipamentos culturais além da acessibilidade universal, que ainda permanece uma demanda ativa nos arquivos, estimula a pensarmos a acessibilidade como direito à memória, cidadania e conhecimento por meio do acesso aos acervos e arquivos. Como integrante da programação nacional, o Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) promoveu ações em parceria com a cultura hip-hop e potencializou o diálogo com as linguagens e representações culturais urbanas propiciando novos usos do espaço arquivístico. O Boletim do AHJ, portanto, apresenta em sua 28ª edição seções destinadas à 8ª Semana Nacional de Arquivos. Em “O AHJ algumas histórias”, o coordenador Dilney Fermino Cunha reflete a importância do movimento hip hop e sua luta para tornar-se patrimônio imaterial no Brasil e em Joinville.

A seção “Pesquisadores e o AHJ” apresenta o artigo do historiador e servidor da Câmara de Vereadores de Joinville, Patrik Roger Pinheiro: “O primeiro casamento com registro civil em Joinville”. Na seção Educação Patrimonial registra-se um compêndio dos atendimentos escolares no AHJ. Já na seção “Atendimentos no Arquivo Histórico de Joinville” são demonstrados por meio de gráficos os números de atendimentos aos pesquisadores e estudantes, visitas técnicas ao acervo e exposições do AHJ. Na seção “Memória do Boletim Teses e Dissertações de Pesquisadores do AHJ”, publica-se o resumo da tese de Doutorado do historiador e professor universitário Wilson de Oliveira Neto. Intitulada “O “misterioso” álbum 3.1.8.36.7.: fotografia e história no contexto da Segunda Guerra Mundial”, o trabalho aborda algumas reflexões curiosas sobre este acervo do AHJ. Destaca-se ainda na seção “Por dentro do acervo” uma fotografia do álbum pesquisado por Wilson Oliveira Neto. Na seção “Difusão Cultural”, apresenta-se depoimentos de representantes da Cultura Hip Hop na 8ª Semana Nacional de Arquivos. Na seção “Aconteceu em Joinville”, um flyer das programações de cinema alternativo que ocorreu na cidade anos atrás nos provoca para algumas reflexões nostálgicas. O Boletim do AHJ é um mecanismo de comunicação e de acesso às documentações, às pesquisas e ao conhecimento produzido pelo Arquivo Histórico de Joinville, com contribuição e protagonismo das múltiplas comunidades que vivem na cidade.

Uma boa leitura!

[1]Atua no setor educativo do AHJ e é doutora em história pela UFSC

AHJ: Algumas histórias

O Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) e a 8ª Semana Nacional de Arquivos



Dilney Fermino Cunha [1]

O Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) participou da 8ª Semana Nacional de Arquivos com atividades nos dias 6 e 9 de junho de 2024. O tema "Arquivos Acessíveis" foi escolhido pelo Arquivo Nacional para promover o debate sobre conceitos e procedimentos empregados nos arquivos e como eles podem refletir a diversidade da sociedade. Aqui, o subtema escolhido pelo AHJ foi "Hip-Hop no Arquivo: história e memória do movimento em Joinville".

A ideia de promover esta ação no AHJ ocorreu por conta do desejo de aproximar a instituição dos movimentos e grupos sociais que normalmente não usufruem ou ocupam o espaço, que é público e gratuito e não têm sequer sua história e memórias registradas no acervo documental do AHJ, o que veio então ao encontro ao tema deste ano na Semana.

Em 2022, já houve no AHJ um encontro de pessoas que praticam batalhas de slam, que são competições de rimas poéticas com declamação de versos muitas vezes inspirados pelo rap.

Na noite de quinta-feira, dia 6 de junho, ocorreu a Batalha de Rap no Arquivo com o Coletivo de Batalhas de Joinville, além de uma apresentação do DJ Mano Uderon. Também foi aberta uma exposição de itens que compõem a memória do hip-hop na cidade, permanecendo no local por duas semanas.

No domingo, dia 9 de junho, além das tradicionais visitas guiadas pelo AHJ, houve a exibição do documentário "Arte no Mute", de Pedro Simm e Isabela Peixer. A obra audiovisual retrata como o movimento do hip-hop está inserido em Joinville. Também aconteceram apresentações de rap com QxS, Coletivo Ramal 047, Karolli, rodas de breakdance e discotecagem do DJ Mano Uderon, além de produção e exposição de grafites com Greg Fiasko. Aproximadamente 400 pessoas participaram do evento nos dois dias de programação.

O movimento hip-hop de Joinville tem uma trajetória de quase 40 anos na cidade, iniciando com o breaking por volta de 1985 e com os primeiros grupos de rap, MCs, DJs e grafiteiros nos anos 1990. Por isso, integrantes do movimento formaram um Grupo de Trabalho, vinculado à Construção Nacional do Hip-Hop. Eles têm feito pesquisas, inclusive no Arquivo Histórico de Joinville, em busca de documentação e depoimentos para embasar o reconhecimento do hip-hop como patrimônio cultural imaterial do município, junto à SECULT e COMPHAAN, e seu registro no Inventário do Patrimônio Cultural de Joinville (IPCJ). Nacionalmente, busca-se o registro de patrimônio imaterial da cultura hip-hop brasileira junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

[1] Coordenador do AHJ

Pesquisadores
e o **Arquivo**
Histórico de
Joinville



O primeiro casamento com Registro Civil em Joinville



Patrik Roger Pinheiro [1]

A história do registro civil desde o século XIX é difusa e progressiva, tendo começado em algumas cidades antes que em outras, e sendo usualmente efetuada por não católicos antes dos católicos, já que esses últimos tinham seus registros religiosos reconhecidos como revestidos de efeitos civis.

Sem termos a intenção de fazer uma exposição exaustiva da história do registro civil no Brasil, desejamos mencionar o primeiro desses registros realizado em Joinville que temos notícia. Trata-se do casamento de um nubente natural de Joinville com uma moça de Paraty, atual Araquari.

Estava a Câmara de vereadores de Joinville reunida em 5 de novembro de 1888, contando com a presença de Brüstlein, o homem que mandou erguer o prédio do atual Museu de Imigração e Colonização; Alberto Kroehne, engenheiro responsável pela edificação das igrejas católica e protestante, Fernando Rogner, que em 1870 foi um dos dirigentes da Vertreterschaft; Ludolfo Schultz, que tinha uma livraria na rua do príncipe; João Colin, antepassado do homônimo afamado prefeito da década de 1950; e João Eugênio Moreira Júnior, irmão de Elias Moreira e avô do ex-prefeito Arnaldo Moreira Douat. Outros três vereadores estavam ausentes.

Entre os assuntos rotineiros tratados naquela reunião ordinária, estava a leitura de um ofício proveniente da presidência da província, de 27 de outubro de 1888, que dizia:

“Por disposição do decreto N° 10.044, de 22 de setembro último, deverá começar impreterivelmente em todo o Império no dia 1° de janeiro próximo futuro o serviço de registro civil dos casamentos, nascimentos e óbitos, cujos livros são nesta data enviados aos juizes de paz, para que sejam entregues aos respectivos escrivães.”

Ao lado do texto do ofício, transcrito na ata da Câmara, está o protocolar “Inteirado”. Estava aí a Câmara de Joinville devida cientificada do decreto imperial que tornava universal no Brasil o registro civil.

[1] Patrik Roger Pinheiro - Historiador, servidor público da Câmara de Vereadores de Joinville, mantenedor do Projeto Memória CVJ

O livro recebido em Joinville para tais registros, enviado pela presidência da província, teve seu termo de abertura datado de 12 de outubro de 1888. O primeiro assento, só ocorreu em 1890, no segundo dia do ano. Era o registro de casamento que citamos no começo. Quem eram os nubentes? Pinheiro (2024) informa que foram Antonio Alves de Oliveira e Bernardina Roza Moreira, que haviam se casado em Joinville no mesmo dia, às 8 horas da manhã.

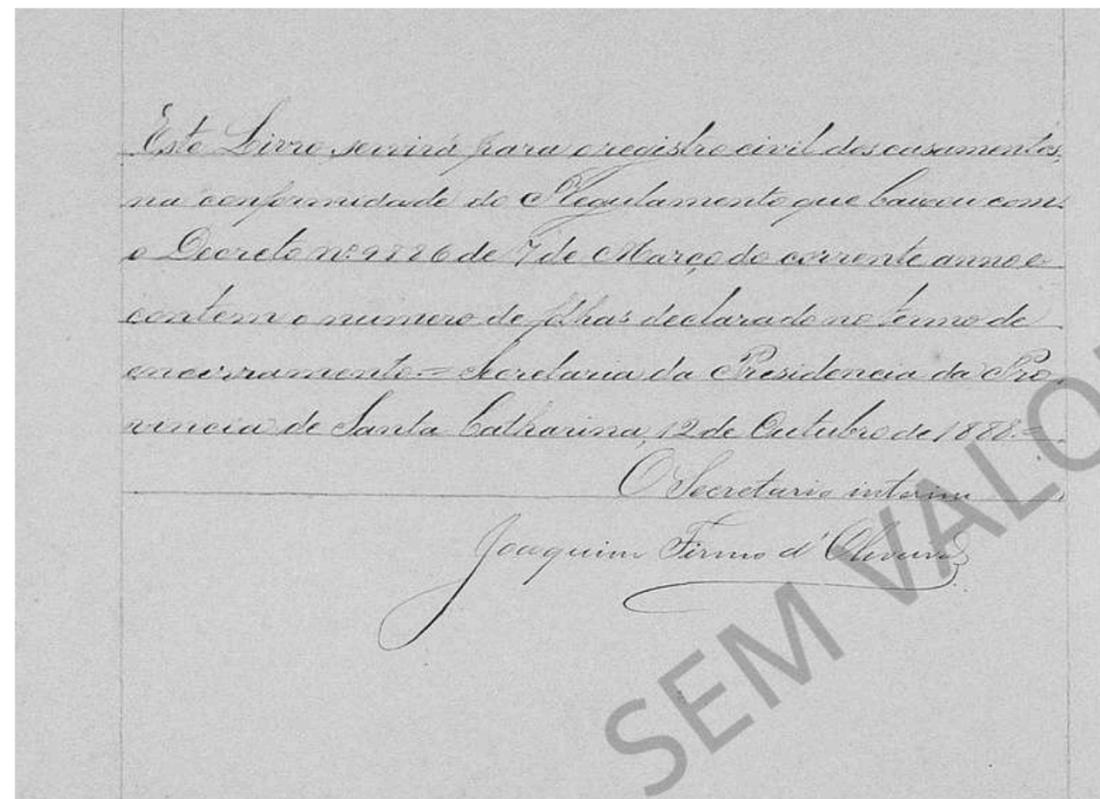


Figura 1 - Termo de Abertura do primeiro livro de registro civil de Joinville. (Foto: Familysearch)

Importante recordar que este ainda não foi o que chamamos hoje de “casamento civil”, ou seja, não houve uma celebração, mas tão somente um registro civil de um casamento realizado no religioso. Então qual foi o primeiro casamento celebrado no civil?

Essa questão Carlos Ficker (1965, p. 334), já nos respondeu em seu livro “História de Joinville - Subsídios para a Crônica da Colônia Dona Francisca.” Lá ele relata que o primeiro casamento civil de Joinville se realizou em 12 de junho de 1890, sendo nubentes Otto Bernardo Leonardo Parucker e Mathilde Henriqueta Luisa Richlin. Casamento esse que foi celebrado por Henrique Lepper, que foi vereador em Joinville e era irmão de Hermann Lepper fundador da bem conhecida empresa têxtil da cidade.

Aqui está, portanto, o primeiro casamento com registro civil e depois o primeiro casamento celebrado diretamente em cartório. Resta a este historiador a curiosidade de saber detalhes da história de vida do casal Antonio Alves de Oliveira e Bernardina Roza Moreira, já que as pessoas são muito mais que registros numa folha de papel.



Figura 2 - Frutos do primeiro casamento civil de Joinville, eis os filhos de Otto Parucker e Mathilde: da esquerda para a direita: Margarida, Ilse, Otto Aflfonso, Lilli e Adele (Foto: Adolfo Volk, acervo do Arquivo histórico de Joinville)

Referências

FAMILYSEARCH. Registro Civil, Joinville, Matrimônios, Jan de 1889 a Novembro de 1892. <Aqui está, portanto, o primeiro casamento com registro civil e depois o primeiro casamento celebrado diretamente em cartório. Resta a este historiador a curiosidade de saber detalhes da história de vida do casal Antonio Alves de Oliveira e Bernardina Roza Moreira, já que as pessoas são muito mais que registros numa folha de papel. >. Acesso em: 08 abr. 2024.

FICKER, Carlos. **História de Joinville** - Subsídios para a Crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville: Imprensa Ipiranga, 1965.

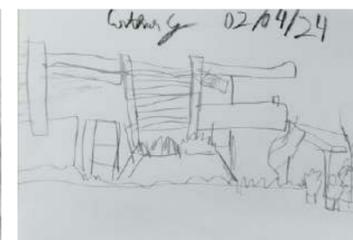
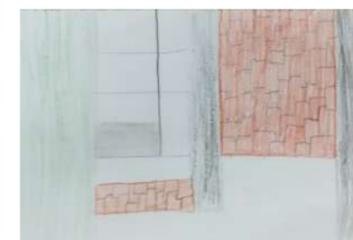
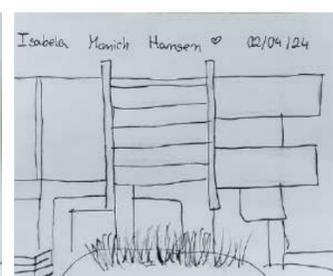
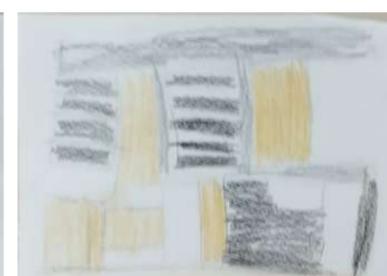
PINHEIRO, Patrik Roger. **1887-1890 - 6ª Legislatura Monárquica. Memória CVJ**. Disponível em: <https://memoria.camara.joinville.br/index.php?title=1887-1890_-_6%C2%AA_Legislatura_Mon%C3%A1rquica>. Acesso em: 08 abr. 2024.

JOINVILLE. Câmara de Vereadores. Ata da Sessão Ordinária de 5 de novembro de 1888, em guarda do Arquivo Histórico de Joinville

Educação Patrimonial



No dia 2 de abril de 2024, um grupo de **52 alunos da Escola Coree International School**, coordenado pelas professoras Camila Diane Silva e Karina Lacava, do ensino fundamental, visitou o AHJ no período matutino. Os alunos foram atendidos pela educadora Giane Maria de Souza e a visita objetivou conhecer o Arquivo Histórico e seu acervo.



No dia 14 de maio de 2024, **13 alunos da Escola EJA/Tupy/Sesi**, coordenados pela professora Marluce Ribeiro, visitaram o AHJ. A turma foi atendida pelo coordenador Dilney Cunha no período noturno e objetivou conhecer o AHJ e as pesquisas sobre o patrimônio cultural de Joinville.

No dia 16 de maio de 2024, **16 alunos da Escola EJA/Sesi**, coordenados pela professora Elisangela da Silva, visitaram o AHJ. A turma foi atendida pelo coordenador Dilney Cunha no período noturno e objetivou conhecer o AHJ para realizar atividades de pesquisas sobre memórias.



Foto: Giane Maria de Souza

No dia 4 de junho de 2024, um grupo do **primeiro semestre de psicologia da Inesa, com 19 acadêmicos** coordenados pelo professor Israel Gonçalves, visitou o AHJ. A turma foi atendida pelo coordenador Dilney Cunha no período noturno. O objetivo acadêmico foi conhecer o AHJ para realizar pesquisas no acervo.

No dia 11 de junho de 2024, alunos do **primeiro semestre de administração da Inesa, com 15 acadêmicos** coordenados pelo professor Israel Gonçalves, visitaram o AHJ. A turma foi atendida pelo coordenador Dilney Cunha e pela historiadora Arselle de Andrade da Fontoura no período noturno. Eles conheceram o AHJ e realizaram pesquisas no acervo.



No dia 12 de junho de 2024, um grupo do **primeiro semestre de Ciências Contábeis da Inesa, com 17 acadêmicos** coordenados pelo professor Israel Gonçalves, visitou o AHJ. A turma foi atendida pelo coordenador Dilney Cunha e pela historiadora Arselle de Andrade da Fontoura no período noturno. A dinâmica da visita proporcionou conhecer o AHJ e realizar pesquisas no acervo.

Fotos: Acervo privado

No dia 6 de junho de 2024, o **Colégio Conexão - Ensino Médio** visitou o AHJ. A turma com 10 alunos foi atendida pela educadora Giane Maria de Souza, no período matutino, e objetivou conhecer o AHJ para os alunos trabalharem com as fontes de pesquisa.



Fotos: Giane Maria de Souza

No dia 14 de junho de 2024, a turma de **Jovens Aprendizes em Serviços Administrativos do Senac**, coordenada pelo professor Bruno Diego Baraúna, visitou o AHJ. Os estudantes foram recepcionados pelo coordenador Dilney Cunha e pela historiadora Arselle de Andrade da Fontoura. Tiveram uma palestra com a arquivista da Prefeitura de Joinville, Carmela Weinheimer Rodrigues, no período noturno. O objetivo da visita foi conhecer métodos e técnicas de arquivos e protocolos de classificação de documentos, recebimentos e distribuição, tramitação, expedição, temporalidade e tipos de arquivos físicos e eletrônicos.



No dia 15 de junho de 2024, **17 acadêmicos de pedagogia da Inesa**, coordenados pela professora Iandra Pavanatti, visitaram o AHJ. A turma foi atendida pelo coordenador Dilney Cunhano no período noturno e objetivou conhecer o AHJ para realizar pesquisas no acervo.



Fotos: Acervo privado

No dia 15 de junho de 2024, **17 alunos do Colégio Germano Timm**, coordenados pela professora Ariane C. Batista, visitaram o AHJ. A turma foi atendida pela educadora Giane Maria de Souza, no período matutino. Os alunos conheceram o AHJ e fizeram pesquisas com fontes históricas.



Fotos: Giane Maria de Souza



Foto: Marcus Vinicius Ramos Filho

Memória do Boletim

Fonte: BÖBEL, Maria Thereza.
Curiosidades do Kolonie-Zeitung.
Boletim do Arquivo Histórico de
Joinville. n. 2, p. 11, dez. 1983.

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ

Curiosidades do KOLONIE-ZEITUNG:

Trad. Maria Thereza Böbel

KOLONIE-ZEITUNG 1-7-1871 - Na região da Rua do Meio e a velha Rua do Guiguer, sempre tão pacífica, foi vista uma onça preta, que já se apassou de várias cabras e cachorros.

O animal foi visto em dia claro e dizem ser de tamanho considerável. Para alguns, é do tamanho de um bezerro, outros dizem ser do tamanho de uma vaca, e há ainda os que lhe dão as proporções de um touro, deve ser, portanto, um animal fantástico, que consegue ser visto em vários tamanhos.

Entre nossos fabulosos caçadores não se encontrou ainda nenhum Hercules que puzesse fim a este novo leão de Neméia. Enquanto isso, apareceram dois parentes do dito animal, chamados pumas, que tiveram a infeliz idéia de passear pela Colônia, nos terrenos de Schömburg e Estrada Blumenau, e foram agraciados com pólvora e chumbo por simpáticos brasileiros.

K-Z 30-12-1870 - A festa de Natal este ano foi rica em alegrias e, como "A moça do estrangeiro" de Schiller, deu a cada um uma prenda. Aqueles que frequentam a Igreja em Joinville, foram presenteados no primeiro dia de festa com música sacra e cânticos, os atiradores festejaram sua confraternização no segundo dia de feriado com desfile e baile, as crianças tiveram na casa paterna os presentes de Natal, e além disso no 1º feriado uma surpresa natalina no Salão da Escola do Sr. Professor Löwa e na tarde do terceiro a festa infantil no Salão Molitor. A juventude pôde dançar quanto quiz e grande parte dela encerrou as festas com um passeio de carro e à cavalo ao Salão Voss, (esquina da Estrada da Serra e Estrada da Ilha), Mas a todos mesmo agradou os dias lindos que tem feito, verdadeiros dias de festa, e que conseguiram tirar de dentro de casa o mais ranzinza dos ranzinzas.

Toda correspondência deve ser enviada para:

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ

Praça Lauro Müller, s/nº

Caixa Postal, D-100

89200 - Joinville - SC

Tel. (0474) 222154

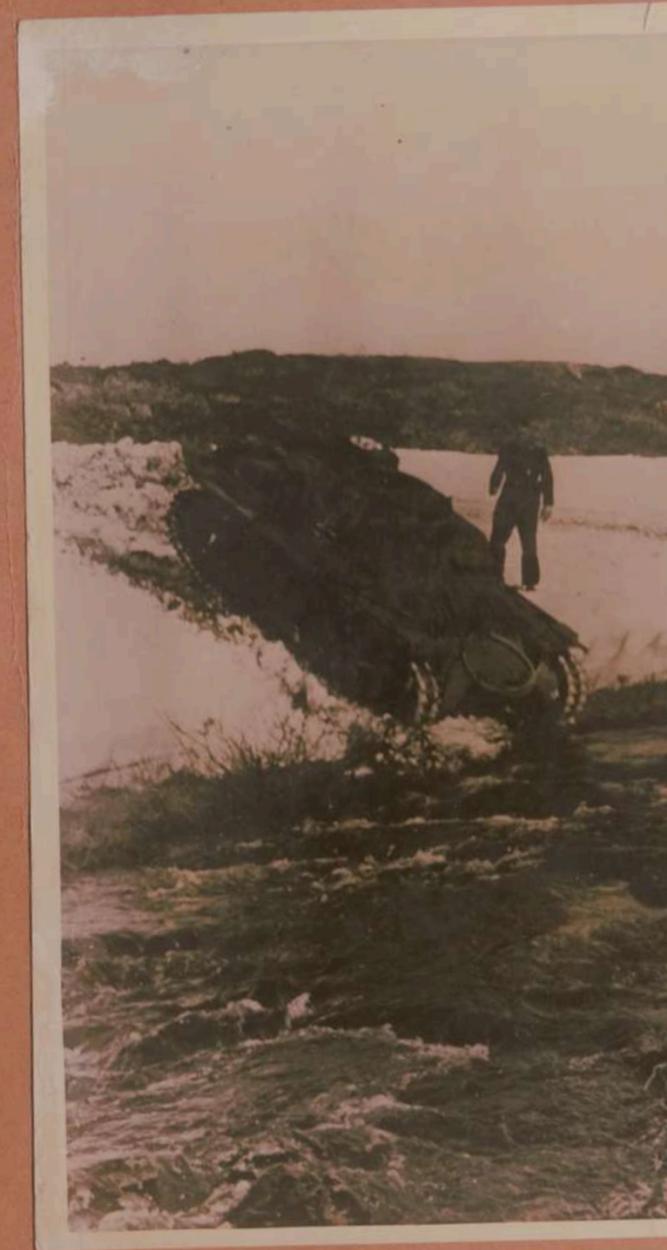
Teses e
dissertações de
pesquisadores
do AHJ



(232)



(233)



O “misterioso” álbum 3.1.8.36.7.: fotografia e história no contexto da Segunda Guerra Mundial

Wilson de Oliveira Neto [1]

Resumo:

A Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) foi um conflito militar internacional em que a Comunicação foi importante para os esforços de guerra dos países beligerantes. Em especial, o material fotojornalístico, que foi fartamente distribuído à imprensa como forma de propaganda de guerra tanto pelos aliados quanto pelo Eixo. O objetivo desta Tese é examinar esse tipo de documentação como um meio para o estudo das relações entre a Comunicação e História, através da Segunda Guerra Mundial. Para isso, foi analisada uma coleção de material fotojornalístico sob a guarda do Arquivo Histórico de Joinville – AHJ, organizada em um álbum de fotografias com 440 imagens. A metodologia empregada consistiu na descrição, na identificação e na contextualização histórica das fotografias por meio de revisão bibliográfica e do estudo de outros documentos históricos acerca do conflito, como jornais e revistas. A Segunda Guerra Mundial ocorreu durante o auge do fotojornalismo, cuja linguagem influenciou na forma com a qual os fotógrafos engajados nas forças combatentes registraram o conflito. Como material de propaganda de guerra, as fotografias exageraram o poder militar dos seus respectivos países, assim como seus recursos humanos e suas lideranças, ao mesmo tempo em que desqualificaram e ridicularizaram seus inimigos. Contudo, após o término do conflito, tornaram-se fontes históricas, cujos conteúdos ganharam peso de verdade, sendo imprescindível seu exame crítico, inclusive, como uma forma de repensar as próprias histórias oficiais da Segunda Guerra Mundial.

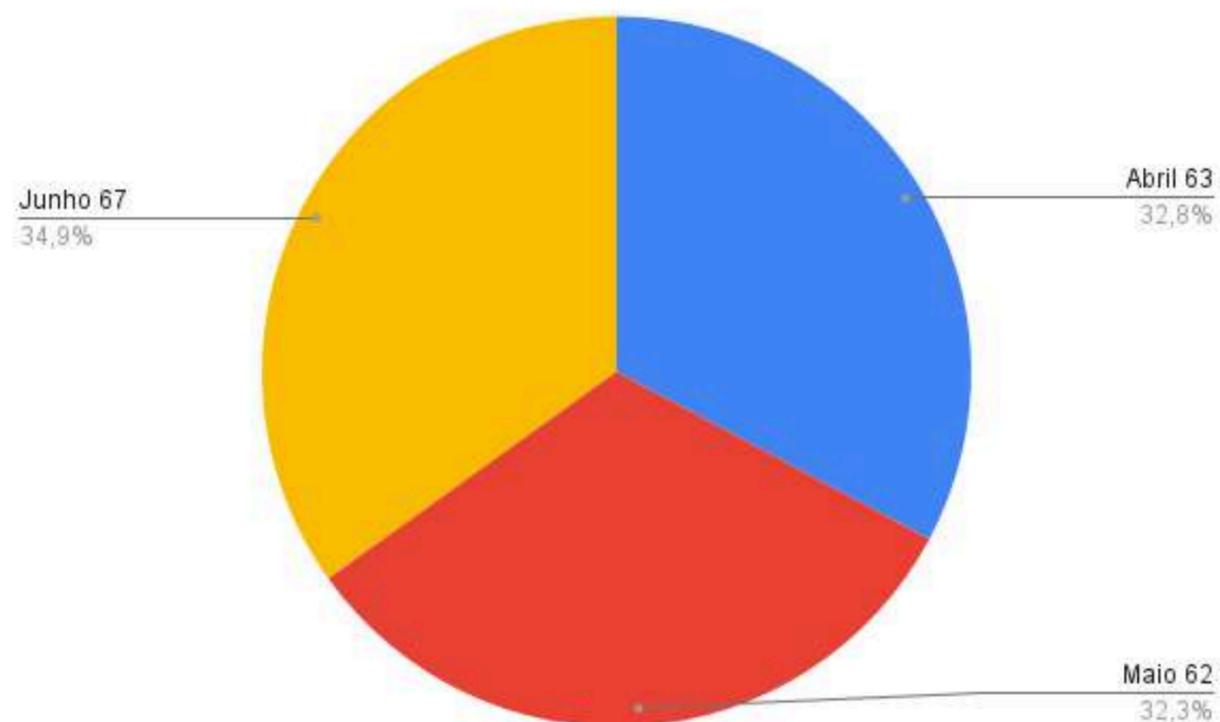
Disponível em: https://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_wneto_2020.pdf

[1] Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Possui Estágio Pós-Doutoral em História pelo PPGHS/UeL. Professor Adjunto da Univille Universidade, onde leciona, pesquisa e orienta estudos sobre fontes visuais, impressos e história militar com ênfases no fascismo histórico e na Segunda Guerra Mundial. Autor de artigos e livros, com destaque para o verbete “Segunda Guerra Mundial. Participação Brasileira (historiografia)” publicado no volume II do Dicionário de História Militar Brasileira.

Atendimentos no **Arquivo** **Histórico de** **Joinville**

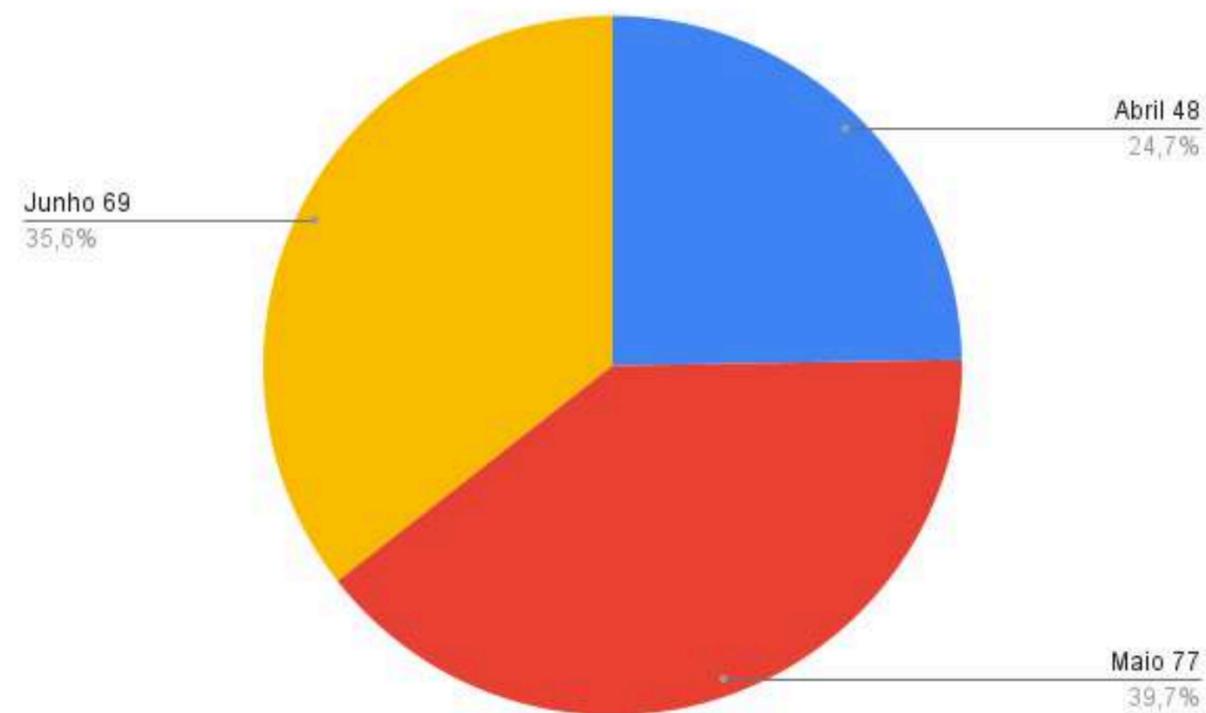


Atendimento presencial



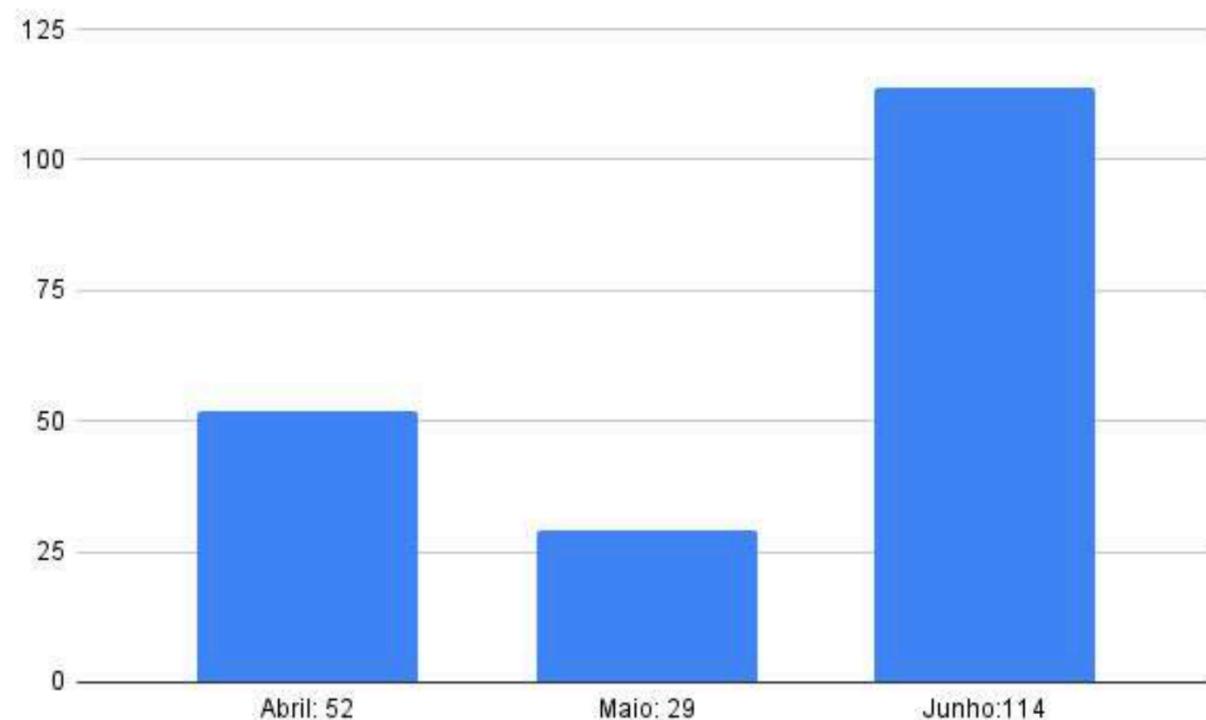
Abril: 63
Maio: 62
Junho: 67
Total: 192
Fonte: Relatórios do setor de atendimento

Atendimento via e-mail



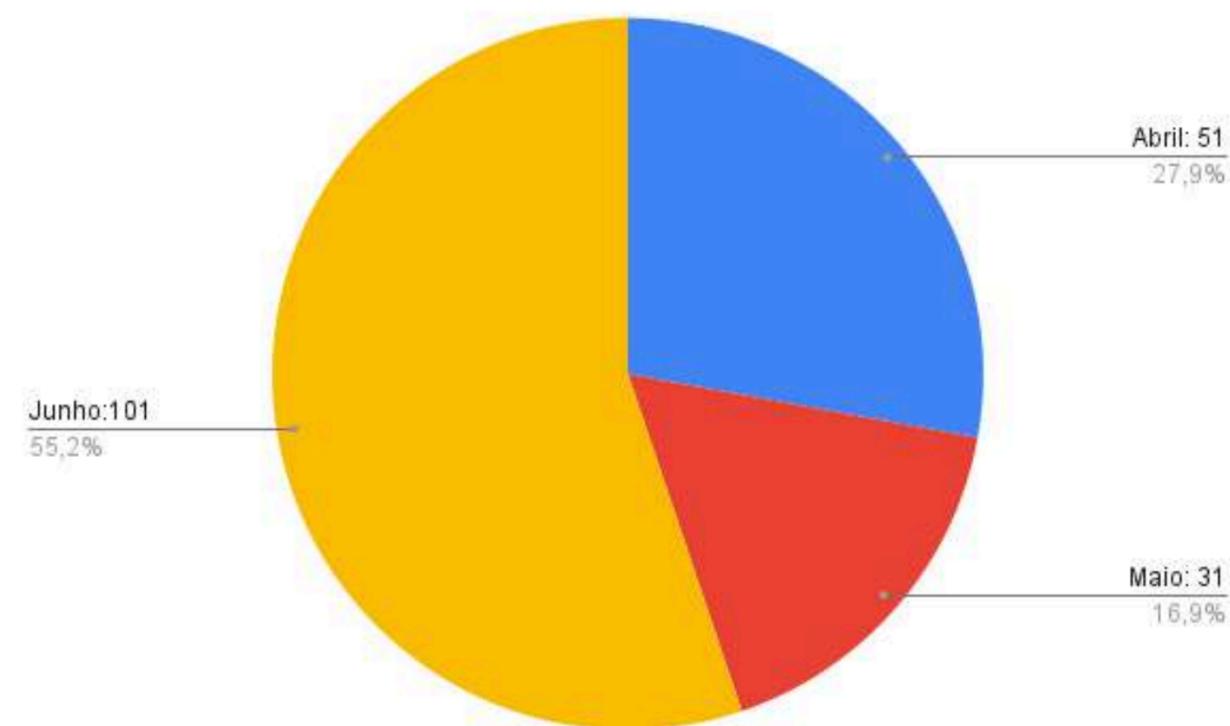
Abril: 48
Maio: 77
Junho: 69
Total: 194
Fonte: Relatórios do setor de atendimento

Atendimento educativo



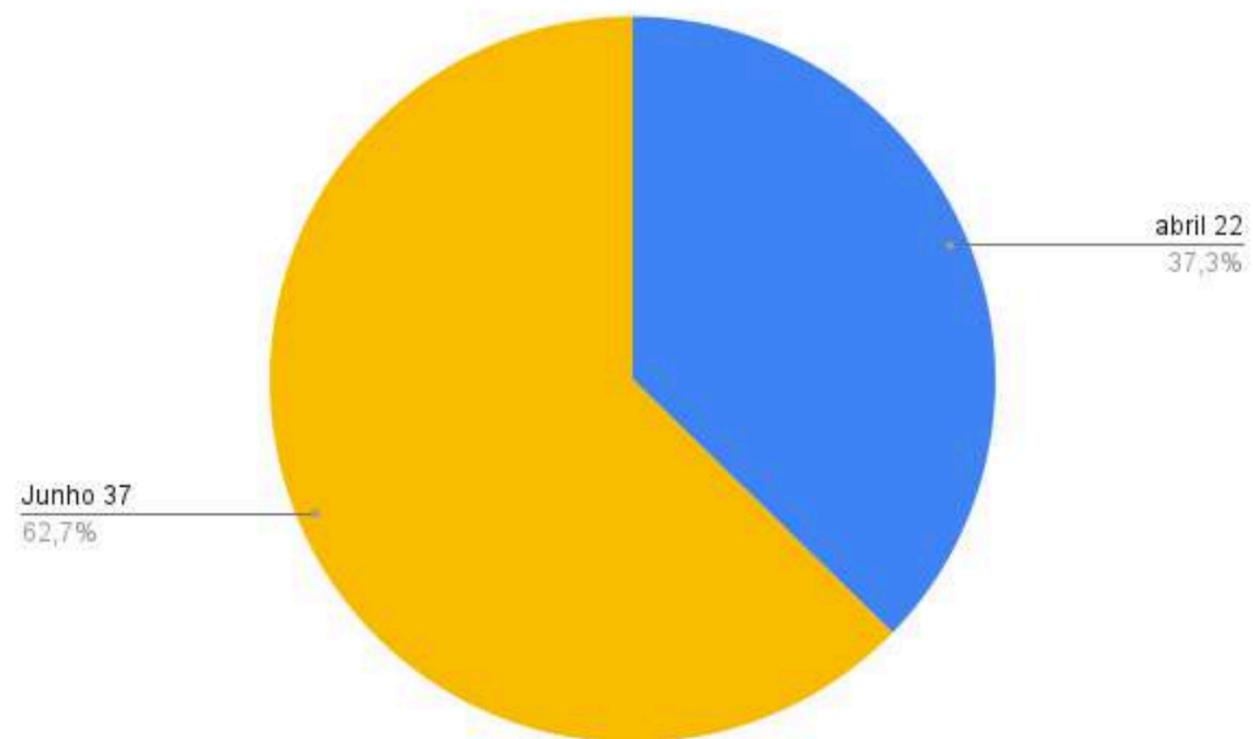
Abril: 52
 Maio: 29
 Junho: 114
 Total: 195
 Fonte: Livro de assinaturas do educativo

Visitas à exposição temporária



Abril: 51
 Maio: 31
 Junho: 101
 Total: 183
 Fonte: Livro de assinatura da exposição

Visitas guiadas



Abril: 22
Maio: 00
Junho: 37
Total: 59

Fonte: Livro de assinaturas do educativo



Foto: Acervo AHJ

Difusão Cultural

A seguir, alguns depoimentos de agentes culturais do hip-hop de Joinville, que participaram da 8ª Semana Nacional de Arquivos.

Entre os destaques, os eventos realizados no AHJ e a importância da cultura hip-hop como patrimônio imaterial.

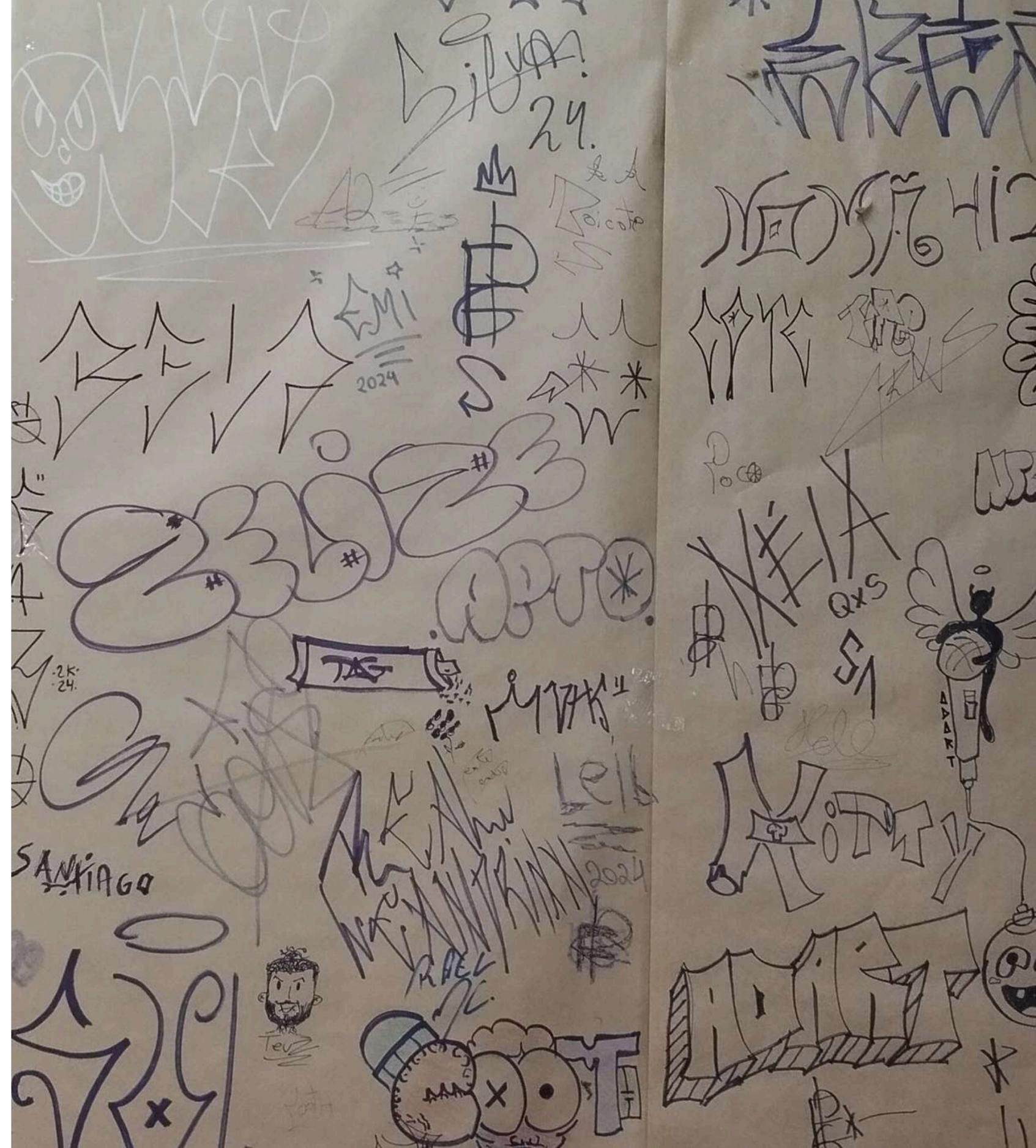




Foto: Acervo privado

O hip-hop é patrimônio imaterial porque na nossa cidade, desde que eu passei da infância para pré-adolescência e adolescência, ele foi muito importante pra mim na questão de socialização, de expressar sentimento, de lazer, de informação. Isso não foi só pra mim, mas pra vários amigos meus, pra várias crianças, pra minha geração, pra essa geração que tá aí.

O hip-hop é um movimento muito completo porque ele envolve a dança a partir do breaking, das artes visuais, a partir do grafite, a música a partir das rimas do MC, do rap, da discotecagem do DJ ou dos beatmakers. Ele envolve o conhecimento em si, expresso nas letras, na capacidade de fazer um grafite, de fazer uma rima, de discotecar, entre outras coisas. Então, o hip-hop é uma ferramenta de lazer, de arte, expressão de sentimento e resistência dos jovens. Então ele está em diversas manifestações. Tu não acha cultura não desprezando as outras. Mas o movimento urbano periférico, tão completo quanto é o hip-hop, que engloba diversas modalidades ou diversos elementos, como a gente costuma chamar, em uma única cultura. Um evento de breakdance é completamente diferente de um evento de batalha de rima, que é completamente diferente de um evento de shows de rap, que é diferente de um festival de grafite. E ali no Arquivo Histórico a gente pôde fazer uma festa de hip-hop.

A importância do hip-hop para a cidade de Joinville vai muito de encontro com o que eu disse anteriormente. O hip-hop está nos locais em que geralmente o Estado não alcança.

O hip-hop está nas periferias, nos presídios, nas casas de detenção de menores. O hip-hop alcança aquelas crianças que não tem, às vezes, a referência de um dos pais. Ele alcança os que vão para o crime por falta de opção, ou porque acha que é legal aquela vida. Ele alcança diversas esferas da sociedade principalmente aquelas onde estão os mais excluídos. Então, o hip-hop tem essa capacidade de lazer, de cultura, de esporte, de transformação, de informação, de gerar conhecimento que muitas vezes a escola não ensinou, ou não conseguiu passar pra gente.

É por tudo isso, que o hip-hop deve ser reconhecido como Patrimônio Imaterial de Joinville.

Foi muito importante para a gente, que é do movimento, seja a nova escola ou a velha escola, estar participando lá no Arquivo Histórico. Porque a gente, que muitas vezes tem os eventos nas periferias, nas clínicas, nas praças, se sente excluído de certos espaços públicos reservados à cultura, à arte, ao conhecimento. E quando o Arquivo Histórico e toda sua equipe nos recebem e fazem essa abertura para o hip-hop, sugerindo nosso movimento como tema na Semana Nacional do Arquivo, foi muito importante. Então, foi um sentimento de pertencimento à história da cidade, de que a gente também pode ocupar esses espaços e que nós também temos a nossa história, que deve ser registrada na historiografia de Joinville. Então, foi de extrema importância a gente poder se sentir pertencente ao município e que outras pessoas pudessem conhecer nossa história.

Antônio Augusto Pereira Hille / A2 Mc

Leila Silveira professora de hip-hop dance, elemento do hip-hop breaking, apresenta suas impressões sobre o Arquivo Histórico de Joinville ter sido aberto para o hip-hop: “foi uma porta aberta ao movimento hip-hop, permitindo assim que o hip-hop seja visto e reconhecido na cidade de Joinville”.

O hip-hop é patrimônio imaterial porque “o hip-hop tem uma importância cultural, social e afetiva na cidade. O breaking sendo um elemento do hip-hop ajuda a contribuição da formação de crianças e adolescentes, permitindo o acesso à cultura, trazendo a esses benefícios físicos, sociais e emocionais”.

Sobre a importância do hip-hop para a cidade, a professora afirma: “em uma cidade reconhecida como a cidade da dança, o hip-hop tem muito a contribuir para a cidade. A arte, a música e a dança fazem parte do movimento hip-hop.”

B.Boy Fábio Martelo, que atua no elemento breakdance, afirmou ao Boletim do AHJ: “Foi ótimo ver a nova e antiga geração do hip-hop de Joinville, juntas, trocando ideias e com o apoio do Arquivo Histórico, vai fomentar em muito o nosso movimento”.

O hip-hop é patrimônio imaterial, “porque tem seu trabalho como arte, grafite plástica, rap, DJ musical e dança. É arte, movimento com o corpo e projetos sociais. Há 50 anos transforma vidas.”

Para o artista, a experiência do hip-hop no Arquivo Histórico de Joinville “foi importante para o lado social, inclusão e conscientização, porque temos deveres e direito na sociedade. E a arte é o lado que transforma vidas, pessoas e famílias. Pode transformar uma geração”.



Leila Silveira

Foto: Acervo privado



B.Boy Fábio Martelo, elemento breakdance



Fotos: Giane Maria de Souza



Para Sarmanho, Mc, organizador da BDC (Batalha de Ideologia), o hip-hop é patrimônio imaterial porque só quem vive de forma real entende e transpassa a essência desse movimento. “O hip-hop é uma escola de formas de expressões verbais e não verbais, todas as suas bases estão conectadas ao conhecimento, mas você pode se expressar com o uso de batidas, rimas, danças e desenhos, lembrando que cada um vai criar seu estilo dentro de cada área, fazendo assim, a forma de expressão ser mais conectada a realidade individual do MC, BBOY ou BGIRL, DJ ou grafiteiro(a).”

Para ele, participar da Semana Nacional de Arquivos no Arquivo Histórico de Joinville promoveu a sensação de receber um abraço sincero. “Falando em nome do nosso coletivo (Batalha dos Crias), sentimos segurança e ao mesmo tempo conforto, ver os pilares do nosso movimento em conjunto e se admirando, é uma sensação de afeto indescritível. Tenho total certeza que tudo que aconteceu dentro da semana do Arquivo Nacional foi de extrema importância para todos entenderem o papel do Registro de informações, pois quem estava presente dificilmente vai esquecer o que absorveu lá, e quem não foi, com toda certeza vai sentir o amor pelo movimento quando ler os registros de como tudo aconteceu”.

Segundo ele, o papel do hip-hop na cidade entra em áreas diversas. “Podemos ver o hip-hop conectando as periferias aos palcos do Centro, gerando fluxo nas noites da cidade, trazendo arte para os mais diversos espaços e principalmente gerando mudanças sociais, de comportamento, mentalidade e até mesmo de ressocialização. Eu acredito que o hip-hop na cidade da dança é, infelizmente, visto apenas como um entretenimento, mas se você prestar atenção nas letras do Mc, na dança do bboy, nas linhas do grafiteiro e nas batidas do DJ, você vai entender todo estudo que cada um tem na sua área. Escrever rap, criar batidas, dançar no compasso e pintar muros carregam anos de técnica, vivência e principalmente luta para ser ouvido.”

Sarmanho, Mc e organizador da BDC (Batalha de Ideologia)



Meu nome é Roger Gabriel Banack, mais conhecido como Magro World, representante do grafite na cena de Joinville e também MC. A experiência com a equipe do Arquivo Histórico foi muito incrível para a galera do rap e desse meio tomar conta dos espaços públicos e mostrar que a arte é algo bonito, algo legal de se ver, que é aberto para todo mundo, para todo o público, sem discriminação que muitas pessoas têm do hip-hop. O hip-hop é um patrimônio imaterial muito importante.



Eu creio que a importância do hip-hop em Joinville é essencial para propagar a arte, propagar a cultura, deixar a cidade mais bonita, mais colorida. A cidade deve ter eventos de rap para a guriada curtir, se reunir, para ter uma confraternização. E abrir mais espaços nas escolas para mostrar que isso também pode ser um meio, para ganhar dinheiro como lazer.

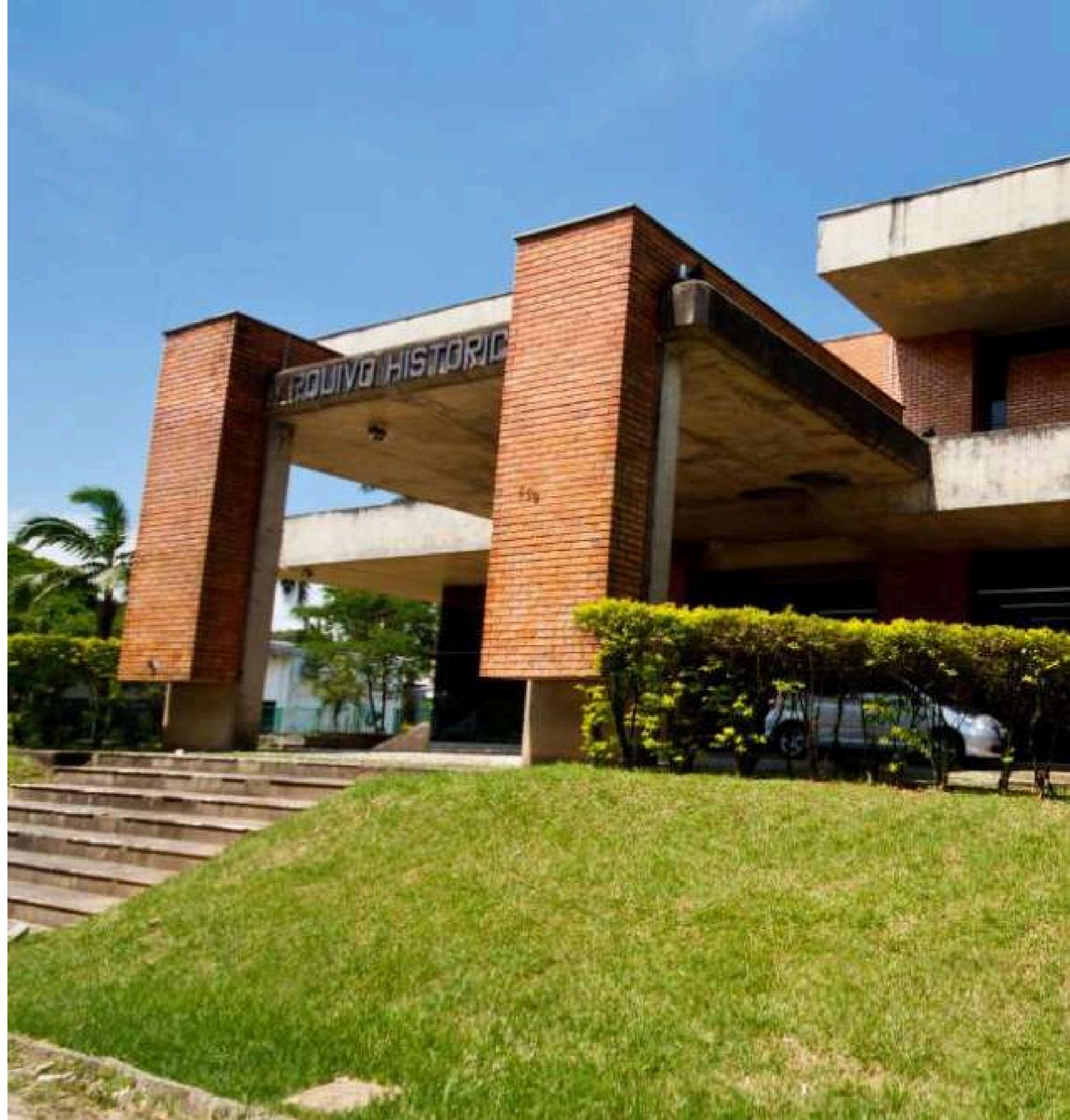
Fotos: Acervo privado



Oi, meu nome é Diogo Henrique, conhecido como (DH). Sou tatuador e grafiteiro. Moro em Itapoá/SC há mais de 25 anos. Sou tatuador há 11 anos e grafiteiro há mais de 20 anos. “Foi top demais o evento no Arquivo Histórico. Conheci música que nunca tinha ouvido. Fiz amizades novas, pude expressar minha arte e fazer parte de um evento maravilhoso. Revi as amizades antigas. E até pude passar um pouco do que sei na arte graffiti para os jovens que ali estavam. Foi um aprendizado para mim, várias experiências maneiras.

O hip-hop é muito importante para ajudar os jovens que têm talento, mas acabam escolhendo outros caminhos por falta de oportunidades. O grafite pode ajudar quem recorre para um outro caminho, porque não têm um contato, porque não têm algo expondo grafite, não têm nenhum evento. Fecham as poucas portas. Assim que o hip-hop se tornar um patrimônio imaterial, a gente consegue ter mais força, abrir mais as portas, mostrar isso para eles, para que, de repente, um deles entre em contato com o grafite, com a arte. E ele decide levar isso adiante, e às vezes evita de ir para um outro caminho... E aí pode acabar aparecendo um artista que estava escondido ou preso em alguma forma de pensar, algum bloqueio ou porque não tinha oportunidade mesmo.

Por dentro
do **Acervo**





Conheça as informações sobre o documento

Fotos 1, 2 e 3:
Segunda Guerra Mundial.

Fonte:
Segunda Guerra Mundial. Europa, Brasil, Santa Catarina e Joinville.
[Entre 1940 e 1945].
1: pb.; 37 X 55 cm.
Álbum Fotográfico: 440 fotos com panorama de cidades da Europa, Brasil, Santa Catarina e Joinville durante o período da Segunda Guerra Mundial. As imagens incluem soldados em trincheiras, barcos, com armamentos, tanques e outros cenários da guerra.

Fonte: Coleção Memória Iconográfica - AHJ

Aconteceu em Joinville

CICLOS DE CINEMA 2009

Março

EXCLUÍDOS: vidas à margem.

As muitas formas da marginalidade inspiraram filmes memoráveis.

Nem sempre a marginalidade é involuntária ou indesejada. Há, sim, a exclusão. Mas há, também, a ruptura com as estruturas do social por razões pessoais, políticas ou filosóficas – os comportamentos e culturas marginais. Em muitos casos, não se pode distinguir com precisão o limite entre o que é desejo e o que é condição imposta pelo modelo econômico e social que configura a cidadania. Neste limiar pouco preciso é que se desenham os temas de algumas das grandes obras do cinema que tratam da exclusão econômica, política ou social.

06/03 – **Cidade de Deus**
Brasil. Fernando Meirelles

07/03 – **As ruas de Casablanca**
Marrocos. Nabil Ayouch

13/03 – **Ladrões de Bicicleta**
Itália. Vittorio De Sica

14/03 – **Os esquecidos**
México. Luis Buñuel

20/03 – **Factotum - Sem destino**
França. Bent Hamer

21/03 – **O selvagem da motocicleta**
EUA. Francis Ford Coppola

27/03 – **Bonnie e Clyde**
EUA. Arthur Penn

28/03 – **Plata quemada**
Argentina. Marcelo Piñeyro

FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE
PREFEIRA DE JOINVILLE

Fonte: Setor Educativo - AHJ

Para refletir

O flyer de 2009 apresenta a programação dos **Ciclos de Cinema** daquele ano, com a temática **Excluídos: vidas à margem**.

Você conhece algum **cinoclube** em Joinville?

Que tal conversar com os seus amigos sobre os filmes elencados na programação?

Você conhece alguma das obras apresentadas?

Qual o seu **gênero cinematográfico** preferido?

Expediente

Boletim do Arquivo Histórico de Joinville
Vol. XVII, nº 28
abril, maio e junho de 2024

ISSN 14133434

Prefeitura de Joinville

Adriano Bornschein Silva
Prefeito

Rejane Gambin
Vice-prefeita

Secretaria de Cultura e Turismo

Guilherme Augusto Gassenferth
Secretário de Cultura e Turismo

Carol Maffezzolli
Diretora executiva

Roberta Meyer Miranda da Veiga
Gerente de Patrimônio e Museus

Arquivo Histórico de Joinville

Dilney Fermino Cunha
Coordenador

Corpo funcional

Alessandro Moreira
Amauri de Oliveira Prado
Ana Paula Pagno Laurindo
Ana Rita Uliano da Silva
Arselle de Andrade da Fontoura
Ednilson Nilton Cestrem
Elisangela da Silva
Fernanda Pirog Oçoski
Francisco Severino dos Santos
Gerson Luiz Santana
Giane Maria de Souza
Janice Garcia
Leandro Brier Correia
Nelson Berndt
Marinês Balin
Rodrigo Boçoen

Boletim do Arquivo Histórico de Joinville

Organização, coordenação, editoração e diagramação do boletim

Giane Maria de Souza

Revisão do Boletim

Alessandro Moreira
Giane Maria de Souza
Nelson Berndt

Endereço do AHJ
Av. Hermann A. Lepper, 650, Saguazu
CEP: 89221-005

Telefones: (47) 3422-2154 ou (47) 3422-2329
E-mail: arquivohistorico@joinville.sc.gov.br

Aceitamos críticas, sugestões e envio de propostas, matérias e artigos.
Participe!